

Comentário do Gestor

Maio foi um mês de reversão das tensões comerciais desencadeadas pelo “Liberation Day”, com a trégua momentânea anunciada entre EUA e China em Genebra, proporcionando boa performance dos ativos de risco, evidenciada pelo forte avanço das bolsas americanas. Os índices de confiança, que tiveram revisões baixistas e leituras bem abaixo do consenso nos meses anteriores, já sinalizam uma mudança de direção, indicando o potencial fim do cenário mais pessimista. Apesar do péssimo desempenho recente dos ativos americanos, do rebaixamento do rating americano pela Moody’s em 16 de maio e do questionamento ao próprio “excepcionalismo americano”, os ativos conseguiram reverter sua trajetória, com exceção das *Treasuries*.

A curva americana de juros abriu durante o mês, movimento amplificado pelas discussões sobre o pacote fiscal de Trump, que projeta um déficit nominal significativo e despertou questionamentos acerca da sustentabilidade fiscal americana. Essa dinâmica resultou na abertura da curva em todos os vértices, com o vértice de dois anos abrindo 30 pontos-base (pbs) para 3,90%, e, o de dez anos, 24 pbs, atingindo 4,40%. O mercado de renda fixa apresentou performance mista: o CDS brasileiro (proxy de “risco país”) fechou 18 pbs, terminando a 162 pbs, enquanto o *spread* dos títulos americanos de alto rendimento (*US High Yield*) registrou forte queda, recuando de 408 pbs para 351 pbs, revertendo o movimento de abertura observado em abril. O DXY (Dólar Index - cesta de moedas contra o dólar americano) ficou praticamente estável, assim como o Euro, enquanto o Iene teve uma desvalorização de 0,7% e o BRL de 0,9% frente ao dólar.

Nos mercados acionários internacionais, o índice S&P 500 avançou 6,2%, e o Nasdaq registrou alta de 9,0%. Maior avanço do setor tecnologia reflete a recuperação das ações do segmento, impulsionada pelo resultado da Nvidia (+24,1% no mês), mesmo com margens menores da empresa por vendas canceladas para China. Em linha com a melhora da classe de ativo, o índice de volatilidade do S&P 500 (VIX) recuou de 24,70 para 18,57 em maio. No Brasil, o Ibovespa registrou alta de 1,5%, enquanto o índice de acionário mexicano avançou 2,8%.

Em 12 de maio, foi firmado um acordo entre as delegações americana e chinesa em Genebra, estabelecendo uma redução temporária das tarifas comerciais: os Estados Unidos reduziram suas alíquotas de 145% para 30%, enquanto a China baixou de 125% para 10%, por 90 dias. Esse acontecimento impulsionou os ativos de risco globalmente. Em contrapartida, as negociações de Trump com Congresso para aprovação de um pacote fiscal mais frouxo geraram novos receios no mercado, incluindo críticas públicas de Elon Musk, até então seu fiel aliado, que acabou renunciando ao cargo no governo. A sustentabilidade fiscal americana começa a ser questionada, levando

investidores a se desfazerem de *US Treasuries*, o que provocou abertura da curva americana de juros, principalmente nos vértices de maior prazo. A *Treasury* de 30 anos chegou a atingir *yields* superiores a 5% durante o mês.

No que se refere à inflação americana, esta manteve sua trajetória de desaceleração nas leituras mensais, impulsionada também por toda essa tensão tarifária que impactou negativamente os índices de confiança, os preços dos combustíveis e as expectativas futuras de inflação. O PCE, índice preferido do *Fed*, desacelerou de 2,3% a/a em março para 2,1% a/a em abril, ante consenso de 2,2% a/a, enquanto o núcleo recuou de 2,7% a/a para 2,5% a/a, em linha com expectativas. O CPI caiu de 2,4% a/a para 2,3% a/a, também inferior ao consenso de 2,4% a/a, com o núcleo mantendo-se estável em 2,8% a/a. Paralelamente à desaceleração inflacionária, o mercado de trabalho mostrou enfraquecimento durante maio, evidenciado pelo *ADP*, que registrou criação de apenas 37 mil vagas contra consenso de 114 mil, e pelo *Nonfarm Payrolls*, que registrou criação de 139 mil vagas em maio, superando ligeiramente o consenso de 126 mil, porém com revisão negativa do dado anterior para 147 mil ante leitura prévia de 177 mil. Essa tem alterado o consenso do mercado, que passa a antecipar os cortes de juros para as reuniões que começam a partir de julho. Em contraste, a Europa mantém seu processo de afrouxamento monetário, respaldado pelo CPI que se mantém na meta de 2% a/a. Em sua última decisão, Lagarde sinalizou, em pronunciamento pós-decisão, que o BCE pode ter finalizado seu ciclo de cortes.

No Brasil, o governo trajetória de queda de popularidade, o que, combinado às elevadas taxas de juros, favorece os investimentos no mercado brasileiro, considerado atualmente um dos mais atrativos entre os mercados emergentes. Do lado negativo, o anúncio do IOF pelo Executivo reação negativa no mercado, principalmente devido aos receios de controle cambial por parte do governo. O Congresso rejeitou o gesto unilateral do Executivo e anunciou que não aceitaria a medida nos moldes anunciados, abrindo espaço para que os dois poderes negociem medidas alternativas, tanto paliativas como estruturais, ainda em definição.

Quanto à atividade econômica no Brasil, os juros elevados demonstram estar surtindo efeito, promovendo uma desaceleração da atividade, evidenciada pela retração nas vendas do varejo e na produção industrial. O PIB registrou crescimento de 2,9% a/a no primeiro trimestre de 2025, abaixo do consenso de +3,1% a/a, impulsionado pelo setor agropecuário, que teve expansão de dois dígitos. O COPOM continua com postura dura, e o ciclo de altas de juros, que parecia findado, pode registrar algum ajuste adicional.

Desempenho do fundo

O fundo teve rentabilidade de 1,78% no mês, ante CDI de 1,14%, com as maiores contribuições positivas para performance do fundo sendo as estratégias de Bonds Corporativos (0,93%), Bonds Soberanos (0,24%) e Caixa/Equivalentes de Caixa (0,22%). Nos últimos 12 meses, a cota do fundo valorizou 11,37%, contra um CDI de 11,78%, equivalente a 97% do CDI ou CDI -0,28%. A volatilidade para esse mesmo período foi de 2,95%. O fundo está com sua *duration* consolidada em 5,4 anos e uma carteira de *bonds* com *yield* de 7,40% em dólares. As maiores posições do fundo são: México (soberano), Brasil (soberano), Usiminas, Cosan e Brava.

OBJETIVO DO FUNDO

O fundo Octante Crédito Privado FIC FIM IE prevê a aplicação de no mínimo 95% do seu patrimônio líquido nas cotas do Fundo Master (Octante Crédito Privado Master FIM IE), que tem como objetivo buscar rendimentos superiores a 100% da variação do CDI no longo prazo, através do investimento em *bonds* corporativos e soberanos da América Latina, concentrado em Brasil, com proteção cambial.

PÚBLICO ALVO

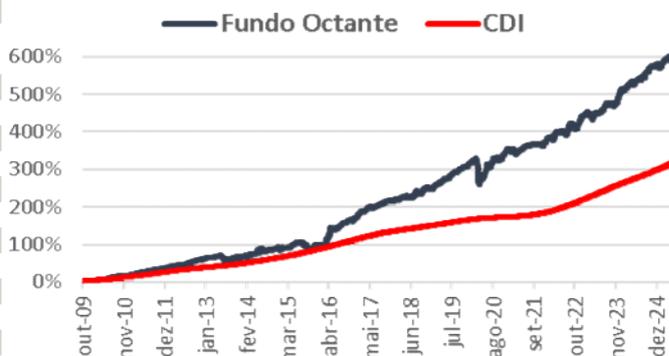
O fundo se destina a receber, exclusivamente, aplicações de investidores qualificados.

HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

Retornos mensais	Fundo	CDI	%CDI
Desde o início	611,56%	323,47%	189%
Últimos 12 meses	11,47%	11,78%	97%
mai-25	1,78%	1,14%	156%
abr-25	0,12%	1,06%	11%
mar-25	0,58%	0,96%	60%
fev-25	1,57%	0,99%	159%
jan-25	2,04%	1,01%	202%
dez-24	-1,19%	0,93%	-
nov-24	0,77%	0,79%	97%
out-24	-0,02%	0,93%	-
set-24	1,64%	0,83%	198%
ago-24	1,87%	0,87%	215%
jul-24	1,46%	0,91%	160%
jun-24	0,32%	0,79%	41%

ESTATÍSTICAS DO FUNDO

% de Meses de Retorno Positivo	82,3%
% de Meses de Retorno Negativo	17,7%
Volatilidade no Mês (Anualizada)	2,95%
Volatilidade 12 Meses (Anualizada)	2,93%
Índice Sharpe 12 meses	-0,11
Índice Sharpe 60 meses	7,61
Valor da Cota em 30 de Maio de 2025	7.127,99
PL em 30 de Maio de 2025	53.435.864
PL Médio (12 meses)	50.544.747
PL do Master em 30 de Maio de 2025	119.271.575
Yield da Carteira de Bonds em USD	7,40%
Duration Média Consolidada	5,40 anos

RENTABILIDADE HISTÓRICA


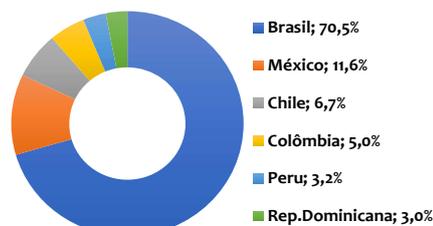
Retornos anuais	Fundo	CDI	%CDI
2025	6,23%	5,26%	119%
2024	8,74%	10,87%	80%
2023	13,35%	13,05%	102%
2022	14,54%	12,37%	118%
2021	4,34%	4,40%	99%
2020	9,20%	2,77%	332%
2019	19,12%	5,97%	320%
2018	10,12%	6,42%	158%
2017	15,70%	9,95%	158%
2016	37,90%	14,00%	271%
2015	4,25%	13,23%	32%
2014	13,98%	10,81%	129%
2013	2,79%	8,05%	35%
2012	17,40%	8,41%	207%
2011	17,15%	11,59%	148%
2010	14,38%	9,74%	148%
2009*	3,73%	4,64%	80%

*desde 17/06/2009

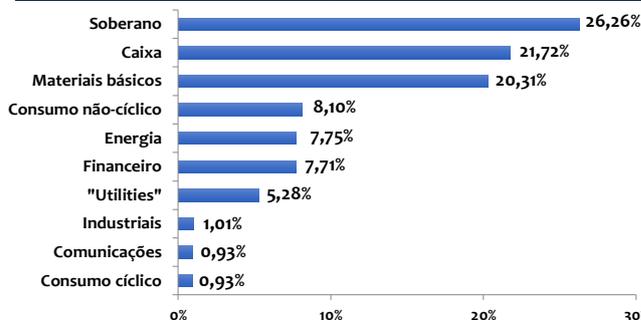
INFORMAÇÕES GERAIS

Investimento Mínimo	R\$ 5.000,00
Movimentação Mínima	R\$ 1.000,00
Taxa de Administração*	1,50% ao ano
Taxa de Performance	20% do que exceder 100% do CDI
Classificação Anbima	Multimercados Investimento no Exterior
Horário limite para aplicação	14:00 horas
Cota do Resgate	D+15 dias corridos
Pagamento do Resgate	D+2 da cotização
Banco	Itaú Unibanco (341)
Agência	8541
Conta	37445-3
CNPJ	09.577.092/0001-41
Favorecido	Octante Crédito Privado FIC FIM IE
Gestor	Octante Gestão de Recursos Ltda
Administrador	INTRAG
Custodiante	Banco Itaú S.A.
Auditor	PWC
ISIN	BROCTACTF005

*Taxa de administração total de 1,50% a.a., sendo 1,00% a.a. incidente sobre os investimentos no Octante Crédito Privado FIC FIM IE, acrescido de 0,50% incidente sobre os investimentos do Octante Crédito Privado FIC FIM IE no Octante Crédito Privado Master FIM IE

COMPOSIÇÃO POR PAÍS


Composição por país da carteira de bonds

COMPOSIÇÃO SETORIAL


As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e a rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial dos emissores responsáveis pelos ativos do Fundo.